

# Polônia na Colônia: anotações de diário de campo de uma pesquisadora iniciante<sup>1</sup>

Alicja Goczyła Ferreira<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** Este ensaio traz observações subjetivas da autora referentes à pesquisa de campo realizada por ela no ano de 2018 em uma comunidade rural de polono-descendentes nas proximidades de Curitiba. A pesquisa de cunho sociolinguístico e, parcialmente, etnográfico, consistia em entrevistas com os moradores da comunidade. O objetivo deste texto, além de compartilhar impressões pessoais de encontros com os participantes da pesquisa, é incitar reflexões acerca de manifestações de cultura polonesa e a língua presentes na comunidade, como também de conceito de “polonidade” e sua compreensão pelas pessoas entrevistadas.

**Palavras-chave:** Polono-descendentes no Brasil. Polonidade. Língua polonesa no Brasil.

## *Poland in “Colônia”: A few field notes of a beginner researcher*

**Abstract:** This essay draws on the author’s subjective observations related to her field research which took place in 2018 in a Polish descendants’ rural community near Curitiba. The sociolinguistic and, partially, ethnographic field research consisted of interviews with the community inhabitants. The aim of this text, in addition to sharing of personal impressions from the meetings with the research participants, is to provoke reflections on the Polish culture manifestations and the language present in the community, as well as on the “Polishness” concept and its understanding by the interviewees.

**Keywords:** Polish descendants in Brazil. Polishness. Polish language in Brazil.

O estado do Paraná e a sua capital aparecem com certa frequência nos mapas da “polonidade” fora da Polônia, compartilhados alegremente nas mídias sociais pelos poloneses e polono-descendentes do mundo todo. Obviamente essas classificações carecem das indicações das fontes das suas constatações. Assim, entre cidades “mais polonesas no mundo”, no pódio encontram-se Chicago e Nova Iorque, logo após Varsóvia. Curitiba, com seus supostos 700 mil habitantes de ascendência polonesa, está na frente das cidades polonesas tais como Wrocław e Poznań e até de Londres, que nas últimas duas décadas tornou-se um dos principais destinos de emigrantes poloneses.

Os *memes* como esse, desprovidos de definições dos fenômenos que tentam explicar, podem induzir seus leitores ao erro, ter seu conteúdo questionado, mas também podem incitar reflexões. O que significa a polonidade em Chicago nos Estados Unidos,

---

<sup>1</sup> O texto aqui apresentado é uma versão modificada e traduzida do texto da mesma autora publicado na revista polonesa *Fraza* (2020). Declaro que possuo a autorização da revista na qual o texto foi originalmente publicado.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela UFPR, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC e é professora de Língua e Literatura Polonesa no curso de Letras Polônês na Universidade Federal do Paraná. E-mail: [alicja.ferreira@ufpr.br](mailto:alicja.ferreira@ufpr.br). <https://orcid.org/0000-0002-8986-0685>.

no Vale do Ruhr na Alemanha ou em Curitiba no Brasil? O que define uma pessoa de origem polonesa? Qual precisa ser a porcentagem do sangue polonês nas veias para que seu dono tenha direito de se sentir polonês? O sentimento de polonidade deve ser vinculado ao conhecimento da língua polonesa? Se sim, que língua seria essa? Talvez o sangue e a língua não sejam condições necessárias, talvez baste preservar a cultura polonesa? Mas quem e com base em que decide o que pertence à cultura polonesa e o que permanece aquém de seu domínio?

Uma tentativa de resposta para essas perguntas poderia me levar a generalizações perigosas. Por isso, considero mais seguro e, quiçá, mais interessante observar a dita polonidade em microescala. O objeto do meu exame será uma colônia polonesa, próxima a Curitiba, que foi fundada há um século e meio pelos camponeses poloneses oriundos da parte sudeste da Polônia de hoje. Convido-os, portanto, a uma curta excursão ao entorno rural da capital paranaense.

Uma viagem de carro de apenas vinte minutos permite deixar para trás o barulho e a agitação da metrópole paranaense. Uma placa da Associação de Turismo Rural das Colônias Polonesas juntamente com os postes pintados de branco e vermelho guiam os visitantes da cidade, ávidos por paisagens bucólicas das colônias polonesas. Os meandros da estrada de terra contornam morros dourados de milho, soja e trigo. Há quem diga que esse relevo dinâmico de terreno não propicia a agricultura. Foi por isso que os moços daqui, antigamente, tinham desvantagem quando cortejavam as moças de outras colônias polonesas, agraciadas com terras planas. As colinas dos campos faziam com que o *status* social dos agricultores daqui fosse menor. Talvez seja por isso que os poucos colonos que alcançaram o grande sonho de pisar na terra dos seus antepassados costumam lembrar, com nostalgia e, quiçá, com um pouco de inveja, justamente as planícies polonesas, douradas de trigo e prateadas de centeio.

No caminho avistamos poucas casas, algumas de madeira. A minha ignorância de pessoa da cidade, não familiarizada com a organização espacial de comunidades rurais no Paraná, me leva a estranhar essa escassez aparente de moradias. Logo descobrirei que a maioria delas se encontra distante da estrada principal e a sua localização se tornará um dos meus desafios: “Vai virar à esquerda depois de uma araucária bem grande”, “depois da segunda ponte sobe bem alto à direita”, “vou te esperar do lado de um campo de batata com flores brancas” ... As cruces com capelinhas, que emergem por vezes do lado da estrada, trazem à minha memória as paisagens que conheço de lá, da Polônia, do tempo da minha infância.

Após 5 km de passeio pela estrada de terra chegamos à sede da Colônia Dom Pedro II. Aqui encontramos a igreja com a imagem da Nossa Senhora de Monte Claro,

obrigatória nas comunidades polonesas no Brasil, e o colégio estadual cujo prédio até hoje pertence à Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, com a sede em Varsóvia. A alguns passos localiza-se o Museu: Centro Histórico e Cultural *Polska*. Nas antigas casas da colônia, construídas à moda ancestral polonesa – de troncos encaixados sem o uso de pregos – estão expostos utensílios e ferramentas trazidas da Polônia quase 150 anos atrás, depois reconstruídas e refeitas aqui durante muitas décadas. São objetos cujos nomes, tais como *dzeska do chleba* ou *masniczka*<sup>3</sup>, hoje fazem parte da história da língua polonesa de lá e daqui. Os antigos donos desses artefatos, com os seus trajes de batismo, de casamento e de velório, observam os visitantes curiosos e nostálgicos, das fotografias penduradas nas paredes.

Chegou a hora da missa dominical. Apesar de a igreja estar cheia, o pároco imediatamente percebe um rosto novo, o qual, aparentemente sem sucesso, tenta não chamar a atenção dos fiéis. Sou convocada para me apresentar e para desvelar os meus propósitos na frente de todos os reunidos. As notas das canções polonesas me levam, por alguns minutos, até o meu passado na Polônia, para logo em seguida acordar a minha curiosidade de pesquisadora. Observo as reações das pessoas aos cantos poloneses “Baranku Boży” e “Serdeczna Matko”. Surge a pergunta: será que o texto escrito em polonês padrão ajuda ou atrapalha os que timidamente murmuram a melodia? Depois descubro que o pároco, um brasileiro de origem alemã, é um dos grandes propagadores da presença da língua polonesa nessa igreja. É graças ao seu incentivo que o costume do canto de “Gorzkie żale”<sup>4</sup>, celebrado tradicionalmente na Quaresma, não tinha morrido juntamente com a partida de uma de suas maiores devotas.

A igreja esvazia depois da missa, mas os fiéis, ansiosos para colocar em dia as conversas com os vizinhos, não têm pressa para voltar para as suas casas. Esses bate-papos após missa parecem ser um momento importante da vida da comunidade, onde o vizinho mais próximo pode estar distante a até alguns quilômetros.

Na multidão alegre encontro um pequeno grupo de colonos que gentilmente me convidam para a conversa. E ainda em polonês! De repente, do mosaico de suas falas, que carregam os traços dos falares rurais poloneses do século XIX unidos harmoniosamente às influências do português, começam a surgir as histórias divertidas, adornadas com o vocabulário que reflete a história dos que o usam. São histórias sobre as fofocas de antigamente e sobre as desavenças entre os vizinhos, sobre os batismos e os velórios, sobre o trigo tão lindo na Polônia, onde, no entanto, a broa não fica tão boa que nem aqui. É só

<sup>3</sup> Trata-se dos antigos utensílios de cozinha: bacia para broa e batedeira para a manteiga.

<sup>4</sup> Tradução literal para o português: lamentações amargas.

um começo das histórias que serão compartilhadas comigo durante numerosas entrevistas na colônia. Todavia, nem sempre serão divertidas, pois muitas famílias carregam na sua memória acontecimentos trágicos das mortes precoces: de um tio, da esposa, da filha, do neto... Escuto relatos sobre os eventos que tiraram a vida dos entes queridos dos entrevistados: dos acidentes de carro e de moto, dos acidentes no campo, de câncer, de meningite, de assalto à mão armada. A realidade da colônia não é tão bucólica assim...

Apesar da tristeza que paira no ar por causa desses acontecimentos, presentes na vida de muitas famílias em Colônia Dom Pedro II, é o calor e o brilho nos olhos das pessoas entrevistadas que me envolve invariavelmente durante as minhas visitas nas suas casas. Principalmente os moradores de mais idade me deixam sentir a sua alegria em poderem compartilhar com alguém a sua polonidade, o seu esforço em mantê-la viva. Porque aqui é igual como lá, na Polônia – dizem. As casas de madeira, com uma cozinha grande com um forno a lenha no centro. Mas essas casas, cada vez mais, dão lugar às mais confortáveis, de alvenaria. Isso não as impede de guardarem nos seus interiores um espaço especial, um quarto para reza, antigamente obrigatório nas casas da colônia. Aqui novamente encontro a imagem da padroeira da Polônia e, aparentemente, dos polonodescendentes: a Nossa Senhora de Monte Claro. Dessa vez, o quadro está adornado com as flores de papel, ainda encontrados na Polônia em rincões mais afastados dos centros urbanos. A arte da confecção dessas flores, embora esteja desaparecendo, ainda existe graças às mães da colônia que costumavam transmiti-la às suas filhas.

As mesmas flores de papel enfeitam um grande barracão pertencente à paróquia, lugar de casamentos e festas, inclusive da festa mais importante: A Festa da Batatinha e da Cultura Polonesa. Há quase 60 anos, a festa atrai cerca de cinco mil pessoas, ou seja, dez vezes o tamanho da população da colônia. A placa bilíngue “Witamy/Bem-vindos” saúda os visitantes de comunidades e cidades próximas, curiosos pela cultura e pelos sabores poloneses servidos na festa. Os colonos aproveitam para vender suas cucas, broas e cervejas caseiras, acompanhadas de um almoço que chamaria de “tipicamente brasileiro”, pelo menos aqui no Paraná: um churrasco com arroz e maionese. Os sabores, as cores e as línguas se misturam. Talvez a pergunta o que é polonês e o que é brasileiro não faça sentido aqui. São simplesmente as coisas da colônia. Não pode faltar também a exposição de carroças polonesas, antigamente um importante meio de transporte trazido para o Brasil pelos imigrantes eslavos, e a apresentação de um grupo folclórico infantil “Zabawe polskie”. Nesse dia, tão importante para a comunidade, os moradores apresentam para seus convidados a personagem de “Turoń”, a qual mistura-se com a personagem e a tradição de “Koza”, ambas de origem polonesa, hoje já extremamente raras na Polônia. Trata-se

de uma figura parecida com um carneiro ou um bode, a qual, juntamente com um grupo de músicos munidos de uma estrela, visita as casas dos moradores da colônia em janeiro para brincar com eles, fazê-los rirem, assustando as crianças. É sem dúvida um espetáculo único! Espero que, em um momento pós-pandêmico, a Festa possa ser retomada e desfrutada tanto pelos moradores como pelos visitantes.

A polonidade, ou melhor, as suas manifestações culinárias e folclóricas, tornam-se uma parte da paisagem da comunidade, à qual pertence também o restaurante polonês da colônia, chamado Nova Polska. O seu nome se refere ao antigo nome da região e, ao mesmo tempo, chama atenção para a biculturalidade da colônia, como me explica o dono do restaurante. Considero intrigante o fato de que as delícias servidas no lugar, fortemente inspiradas na cozinha polonesa antiga e atual, muitas vezes são desconhecidas pelos moradores da colônia.

Pois em casa as pessoas comem diferente. O cardápio depende do que está na época de colher ou qual carne sobrou no freezer do último abate. Meus entrevistados servem para mim bolachas natalinas lindamente decoradas (pois o Natal está chegando), cucas, broa ainda quente feita em um forno especial no quintal, manteiga caseira, *pierogi* com *syr*<sup>5</sup> e, claro, a *spyrka*<sup>6</sup>. De algumas casas saio carregada de vidros de pepinos azedos e de raiz forte, chamado aqui de *crem*. Deleito-me com os sabores, dos quais sinto tanta saudade. São mais azedos, mais “fortes” do que os da cozinha a qual tenho acesso em Curitiba. E talvez fique um pouco triste que, mesmo nas casas dos colonos, os mais jovens não parecem apreciar tanto esses gostos que fogem da gama de seus sabores favoritos.

Aliás, descubro que a raiz forte, ingrediente diário na cozinha da minha mãe, aqui é cultivado quase exclusivamente para se tornar a parte da cesta que será benzida na Páscoa – *święconka*. Pois, *święconka* é muito importante. As cestas são muito maiores e sumptuosas do que na Polônia. Aqui, além de ovos, raiz forte, broa e manteiga, é necessário incluir um pedaço de carne de boi, de galinha e de porco. Frequentemente me dizem que o alimento benzido de *święconka* não pode ser dado aos animais. No entanto, não consigo descobrir o porquê dessa proibição. Somente o seu Miguel<sup>7</sup> me familiariza com os nuances do café de manhã de Páscoa na colônia:

Wprzódy chrzon się zje, każdemu chrzonu. Mama nauczyli, że jak chrzon się bierze, to *prawą* rękę musi wystawić. Jak było pięć [osób], to jajko na pięć kawałków. Wprzódy ojcu, potem starszym i tak... Dzisiaj się robi tak samo, ale modli się po brazylijsku. [...] Się za dużo nie

<sup>5</sup> Pirogue com queijo

<sup>6</sup> Tirinhas de carne de porco fritas, prato parecido com o torresmo.

<sup>7</sup> Todos os nomes usados no texto foram mudados.

święci, bo potem jest większe jedzenie, to to święcone nie ciskam byle gdzie, ino spali się. Psom nie, bo potem, jak trzeba zabić, to trudno zabić psa.

Primeiro se come o crem. A mãe ensinou que quando se pega crem, tem que esticar a mão direita. Se tinha cinco [pessoas], então, o ovo [se dividia] em cinco pedaços. Primeiro para o pai, depois aos mais velhos, assim... Hoje se faz igual, mas se reza em brasileiro. [...] Não se benze muita coisa, porque depois tem mais comida e a benzida não joga em qualquer lugar, mas tem que queimar. Pros cachorros não [pode dar], porque depois, quando tiver que matar um cachorro, vai ser difícil.<sup>8</sup>

Tenho uma impressão de que aqui a Páscoa continua sendo a festa mais importante do ano. Parece-me que a tradição de compartilhar *optatek*, um pão fininho de farinha branca, que para mim, pessoalmente, é o costume mais emocionante da minha vida, aos entrevistados não causa tanta comoção. Aqui essa tradição mantida na véspera de Natal ocorre não em casa, mas no salão da paróquia, o que certamente lhe dá um tom menos intimista. Talvez as minhas dúvidas com relação à importância do Natal na colônia sejam simplesmente um reflexo da minha própria ressalva quanto ao Natal no calor do verão, algo a que não consegui me acostumar, mesmo depois de tantos anos no Brasil.

O seu Miguel diz: “hoje se faz igual, mas se reza em brasileiro”. Isso quer dizer que as tradições dos ancestrais permanecem, mas a língua desaparece aos poucos. Claro, ainda há pessoas como a dona Júlia que, até hoje, se confessa somente em polonês, apesar de que seu confessor não compreenda essa língua. Argumenta: “o padre dá absolvição, mas quem absolve de verdade é o Jesus”<sup>9</sup>. Aqui, as rezas em polonês são atendidas com mais celeridade, como me contaram alguns fiéis. É possível, mas certamente essas rezas são cada vez mais raras. Apesar das constatações dos participantes da pesquisa de que “falam muito simples e não na gramática”, mais da metade das minhas conversas, que frequentemente se tornam bate-papos de várias horas, ocorre em polonês. Obviamente, cada um de nós fala de seu jeito. A minha saudação com “Dzień dobry” é respondida com um “Zdrowo”. A minha despedida “Do widzenia” encontra um sincero “Z Panem Bogiem”. Não podia ser diferente. A língua de cada um de nós reflete o nosso trajeto, a história nossa e de nossos antepassados.

As conversas se assemelham a uma dança, durante a qual cada uma das partes tenta se ajustar aos movimentos do outro e aprender os passos sugeridos por ele. Percebo que meus interlocutores adaptam as suas falas para que essas sejam mais parecidas com a mi-

<sup>8</sup> Todas as citações de entrevistados provêm da pesquisa de mestrado da autora (FERREIRA, Alicja G. *A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná*. 2019. 222 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.).

<sup>9</sup> Fala original: “Ksiądz ino da rozgrzeszenie, ale Pan Jezus rozgrzeszy”.

nha. Abandonam as palavras que aprenderam em casa em prol do vocabulário estranho, mas que consideram como mais correto. Teria algo errado em plantar *fizon* e *milija*? Os *peseki* e *larenže*<sup>10</sup> de seus pomares seriam menos saborosos por carregarem nomes compreendidos somente aqui na colônia? Tamanha a convicção de que a língua falada na comunidade é toda “abrasileirada” que até o nome polonês de batata, *ziemniaki*, é suspeito de não ser suficientemente polonês. Mas aqui cresce *fizon* e *milija*, não estamos na Polônia. Por isso, esforço-me para aprender o polonês da colônia e começo a imitar os meus interlocutores. Estou longe de ser uma falante fluente, porém a prática faz o mestre. Meus professores são pacientes e muito hábeis em se valer de todos os recursos linguísticos que estão ao seu dispor em virtude da trajetória de seus antepassados e de seus próprios percursos de vida.

Entretanto, nas conversas com os mais jovens a minha habilidade de falar a língua polonesa da colônia não parece ser muito útil. Alguns me entendem, porém não se atrevem a responder na língua de seus antepassados. Outros conhecem somente algumas palavras: *babka*, *ciotka*, *dobry wiecór*<sup>11</sup>. Às vezes o seu vocabulário me surpreende: são palavras que desconheço, mas que encontrarei depois nos dicionários de antigos falares rurais da Polônia. O léxico que já morreu na sua terra de origem, continua vivo aqui na colônia. Os mesmos jovens, cujo conhecimento de língua polonesa é bastante fragmentado, frequentemente enfatizam o seu sentimento de identidade polonesa ou polaca. “Se a pessoa pergunta para mim o que eu sou, nunca falo que sou brasileiro. Sou polaco.” – com orgulho diz Marcos de 19 anos. “Não tem como ser mais brasileira do que polonesa” – confirma Maria, um ano mais jovem. Sei que a minha pessoa, uma polonesa que faz pesquisa na colônia, certamente influencia as respostas de meus interlocutores. Querem ser gentis comigo; talvez falem o que eu quero escutar.

Mesmo assim, chama a minha atenção a facilidade com a qual os tataranetos de imigrantes poloneses incluem a polonidade nas suas identidades híbridas. Principalmente, se formos comparar essa atitude com a hesitação de seus pais ou até avós, para os quais o que vale é *Lus soli*. “Eu já sou brasileira. Pois para ser polonês tem que crescer na Polônia”<sup>12</sup> – explica dona Marilene, neta dos imigrantes. Percebo que “ser polonês/polaco” têm aqui acepções múltiplas. Ser polonês pode significar crescer na Polônia, mas também existe o conceito de ser “polonês da colônia”. Para alguns é o domínio da língua polonesa que dá direito para poder se autodenominar de “polonês”. Para outros, é a terra, o trabalho na roça, o sobrenome ou os olhos azuis que fazem deles poloneses. O polonês daqui é trabalhador,

<sup>10</sup> *Fizon*, *milija*, *peseki* e *larenže* (de “feijão”, “milho”, “pêssego” e “laranja”) são exemplos de empréstimos lexicais da língua portuguesa adotados pelos falantes da língua polonesa da colônia.

<sup>11</sup> Em português: avó, tia, boa noite.

<sup>12</sup> A fala original: “Ja już Brazyljana. Bo polski to by się musiał w Polsce uchować”.

honesto, solidário, mantem as tradições, dizem alguns jovens. A polonidade pode ser entendida também como um simples costume de jantar reunidos, “conversar, se alimentar em volta da mesa e depois da janta rezar – isso define o polonês”. E o sotaque, claro.

Esse leque das definições de identidade relativa à ascendência de meus interlocutores torna-se ainda mais complexo se considerarmos o uso de dois termos “polonês” e “polaco”, os quais certamente não são sinônimos. Como sabemos, a palavra “polaco” designava originalmente na língua portuguesa uma pessoa cidadã do estado da Polônia. Até hoje esse significado está mantido, por exemplo, em Portugal. Aqui no Brasil, provavelmente na virada do século XX, o termo “polaco” começou a ser usado no sentido pejorativo, principalmente na região meridional do país<sup>13</sup>. Passou a denominar uma pessoa simples, do campo, de pouca formação. Essa mudança semântica fez com que uma outra palavra, já existente na língua portuguesa, registrada por exemplo no século XVI, assumisse o antigo significado do termo “polaco”: a pessoa de cidadania polonesa. A palavra “polonês” começou a ser usada cada vez mais para esse fim, enquanto o item lexical “polaco” se especializou na sua acepção pejorativa.

Pode parecer, portanto, que a semântica dos termos discutidos é clara: o “polonês” como um termo neutro que designa cidadãos poloneses e o termo “polaco” o qual funciona como um tipo de invectiva. Provavelmente, alguns curitibanos concordariam com essa dicotomia de significados, no entanto, na colônia os nuances de seus usos e entendimentos me parecem muito mais complexos e ricos.

Por um lado, meus interlocutores, tanto os mais velhos como mais jovens, mantêm na sua memória uma série de xingamentos que acompanharam a sua vida escolar e as quais incluem a palavra “polaco”. Temos, portanto, “polaco burro”, “polaco sem bandeira”, “polaco batateiro” ou “polaco azedo”. Por outro lado, essas associações negativas não parecem ser um empecilho para que os entrevistados profiram a frase “eu sou polaco” como autodenominação. É sabido que são os falantes que atribuem significado aos recursos linguísticos que utilizam, incluindo o léxico. Essa ambiguidade no uso da palavra “polaco” fez com que decidi incluir nas minhas entrevistas a pergunta pelo significado do termo. Não nos dicionários, não em Curitiba, mas na Colônia Dom Pedro II.

Ao longo das conversas, começo a perceber uma tendência interessante. Para os mais idosos, o termo polaco é ofensivo, incorreto e até racista. Entretanto, quanto mais novo o entrevistado, mais simpatia parece expressar para com essa palavra. Para os jo-

---

<sup>13</sup> Para ler mais sobre esse assunto convido à leitura do meu artigo: FERREIRA, Alicja G., “Sou polaca, sem falar polonês” – alguns apontamentos sobre os termos polaco e polonês, *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, n. 37, p. 161-181, 2021.

vens, “polaco” é a palavra daqui, uma denominação neutra de um polono-descendente ou até um apelido carinhoso que se dá para pessoas de olhos azuis. Fico perplexa com o fato de que alguns dos entrevistados abaixo de 20 anos de idade parecem não ter conhecimento do possível significado pejorativo do termo “polaco”. “Por que seria ofensivo?” – perguntam. Sentem orgulho de sua origem, o qual não parece estar envenenado com o peso da vergonha carregado pelos seus pais e avós. Porém, não seria o desconhecimento da história de sua família e de sua comunidade responsável por esse orgulho sem ressalvas? Apesar dessas dúvidas, quero acreditar que a mudança do significado da palavra reflete as mudanças que ocorrem na sociedade: a maneira em que os polono-descendentes se percebem e como são percebidos por outros.

Na escola ainda acontece de alguém xingar outro de “polaco”, porém, hoje em dia, as crianças já sabem se defender. Um menino de sete anos responde com propriedade ao “polaco batateiro” jogado na sua direção: “mas meu pai não planta mais batatas”. Meus interlocutores de 18 anos são frequentadores ávidos de todas as festas na comunidade, onde aos sons da melodia típica daqui “Sokoła”<sup>14</sup> gritam alegremente “eu sou polaco” e dançam os sete passos. Não conseguem esconder a sua surpresa, talvez um desportamento, com o fato de que a pesquisadora, que se diz polonesa, não reconhece esses elementos da cultura polonesa, a música e a dança, tão importantes na constituição de identidade desses jovens. Pois, essa é a identidade deles: composta de elementos brasileiros, poloneses e outros. A sua polonidade não precisa estar relacionada com o país distante e exótico do outro lado do Atlântico. Ainda que alguns busquem contato com ele, costumam focar os traços da sua cultura que são lhes conhecidos: o folclore, as tradições, a religião. José, que teve a oportunidade de viajar ao país de seus antepassados, descreve os sentimentos contraditórios experimentados por ele no lugar: por um lado, lá na Polônia, tudo era diferente do que aqui, por outro, se sentia em casa, como se não tivesse viajado. Talvez esse sentimento de estar em casa se deva à semelhança da língua que falamos aqui e que falam lá? – pergunta.

Quando deixo a colônia, depois de cinquenta entrevistas, me sinto um pouco como José. Esse não é o mundo no qual nasci nem o mundo no qual estou vivendo. Mas de onde vem essa sensação de estar em casa? Essa nostalgia de algo que provavelmente nem existe mais lá na Polônia? Tiro as últimas fotos das palmeiras solitárias no meio dos campos de trigo, das araucárias cuja sombra refresca as cruces com capelinhas do lado da estrada. Passo do lado das casas que não me são mais estranhas: têm histórias, nomes e sobrenomes de seus moradores, seus rostos e seus sorrisos. Sorrio de volta e agradeço.

---

<sup>14</sup> Não se trata aqui da canção “Hej, Sokoły” conhecida na Polônia.